

COTA 1,20: O ENVOLVIMENTO DO DESIGN COM AS CRIANÇAS NA CRIAÇÃO DE UM PROJETO EXPOSITIVO SOBRE A CIDADE QUE HABITAM

Rita Brandão
Alice Semedo
Sílvia Berény
Lígia Lopes
Joana Quental

A exposição “Cota 1,20 – deambulações de um grupo de crianças da Escola OSMOPE¹ pela Rua Mouzinho da Silveira” teve como objetivo central convocar a participação do design nos processos participativos e colaborativos entre escola e museu, originando novas sinergias e aprendizagens significativas entre

1 Organização Social Movimento Pontes Educativas (OSMOPE) – Creche, Jardim de Infância e 1.º ciclo.

os vários atores.² Pretendeu, também, contribuir para a construção identitária das crianças sobre o espaço onde vivem, neste caso a cidade do Porto.

Trata-se de um projeto expositivo de natureza itinerante, construído em contexto de escola – a OSMOPE – e que incluiu um total de cerca de 75 crianças dos 4 aos 9 anos, assim como adultos de áreas científicas diversas.³ A Organização Social Movimento Pontes Educativas (OSMOPE) – Creche, Jardim de Infância e 1.º ciclo – é uma escola situada no centro da cidade do Porto, na Rua de Costa Cabral, cuja identidade se vem definindo ao longo dos seus 40 anos de existência. Acolhe cerca de 250 crianças dos zero aos dez anos de idade. A escola assume-se como um espaço educativo socioconstrutivista, apoiando as suas estratégias pedagógicas numa “racionalidade de projeto”.⁴ Tem como lema que a escola não deve ser um “resort educativo” (Berény, 2021, p. 35), pelo que desenvolve parcerias sistemáticas com diferentes parceiros de várias áreas culturais e científicas da cidade, sendo os museus compreendidos como espaços privilegiados em todo o processo educativo. Esta perspetiva leva a que a equipa seja for-

2 Este trabalho faz parte da investigação desenvolvida no âmbito da tese de doutoramento em Design da designer Rita Brandão, e tem o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Bolsa 2020.05692.BD.

3 A exposição contou com o apoio do programa “Portugal entre Patrimónios”, do ID+ Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, da Associação dos profissionais de Educação de Infância (APEI), e do Plano Nacional das Artes (PNA). A sua primeira exibição teve lugar no MNAC, no Chiado, em Lisboa, tendo estado aberta ao público de 21 de julho a 4 de setembro de 2022.

4 Entendemos por “racionalidade de projeto” uma abordagem que se baseia numa metodologia de projeto que integra as crianças e a comunidade educativa no processo de aprendizagem, de uma forma cooperada e democrática (Katz; Chard, 1997).

mada por elementos com perfis profissionais diversos: educação, arte, design, música, dança, educação-física, entre outras.⁵

O título da exposição, “Cota 1,20”, remete para a altura média a que está o olhar das crianças participantes, perspectiva que enquadra todo o projeto. A proposta surgiu com o intuito de dar voz às crianças, em particular ao seu olhar sobre uma das artérias mais simbólicas da cidade do Porto – a Rua Mouzinho da Silveira.⁶ O design é convocado para a mediação de processos participativos e colaborativos e para a produção de um projeto expositivo, convidando a escola para uma nova estratégia de intervenção no espaço público, e provocando o museu como mediador e facilitador deste processo, sempre incluindo todos os intervenientes na produção de conhecimento sobre o espaço urbano em que se inserem.

Neste caso, a mediação implicou uma ação fundamentada na perceção consciente de que “estar no meio” significa estar entre muitos: entre a rua e as ligações que estabelece com a cidade; entre a Escola, os pais, o Museu, o designer, o curador, o desenho da exposição e os textos que se desenharam e escreveram; entre as crianças que interpretaram a rua.

O projeto “Cota 1,20” pretendeu fomentar uma reflexão sobre a necessidade de investir na promoção de uma relação precoce das crianças com as comunidades – com o espaço urbano, os lugares, as funções, as pessoas e as histórias do universo no qual estão inseridas –, assim como com as noções arquitetónicas de desenho, grafismo, dimensões e escalas – as proporções caracte-

5 Este trabalho foi redigido segundo as regras do português de Portugal.

6 O Porto é a segunda maior cidade de Portugal, situada no norte do país, e tendo uma população de 214.349 habitantes.

rísticas do “dentro” (escola) e do “fora” (rua), materializadas num “entre” (museu). Para tal, adotou-se uma perspetiva sensível da educação, tornando-se fundamental a criação de condições para ver, olhar e reparar,⁷ num encadeado de ações que se complementaram: o sentir/experimentar/descobrir; o desenhar/criar/traduzir; e, por fim, o comunicar. Pode mesmo dizer-se que, para a criação artística, foram determinantes a aprendizagem e o conhecimento, segundo uma racionalidade de projeto planeado, experimentado, avaliado e exposto ao confronto e à discussão entre todos os envolvidos. Nesta interpretação da cidade, como se compreende, a relação e interação das crianças com o espaço e a cidade (entenda-se, a sociedade e o seu território) é fundamental, pois, afinal, se o conhecimento e a identidade são construídos, esta

construção ocorre não devido às crianças pequenas terem sido ensinadas, mas devido ao que as próprias crianças fazem, como consequência das suas atividades, relacionamentos e recursos à sua disposição – por estarem em relação e diálogo com o mundo (Dahlberg; Moss; Pence, 2003, p. 104).

7 Referência à imortalizada epígrafe de José Saramago “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”, que podemos ler na sua obra *Ensaio sobre a cegueira* (Saramago, 1995b) e que havia já sido explorada na sua anterior obra, *História do cerco de Lisboa* (1989), com: “Olar, ver e reparar são maneiras distintas de usar o órgão da vista, cada qual com a sua intensidade própria, até nas degenerações, por exemplo, olhar sem ver, quando uma pessoa se encontra ensimesmada, situação comum nos antigos romances, ou ver e não dar por isso, se os olhos por cansaço ou fastio se defendem de sobrecargas incómodas. Só o reparar pode chegar a ser visão plena, quando num ponto determinado ou sucessivamente a atenção se concentra, o que tanto sucederá por efeito duma deliberação da vontade quanto por uma espécie de estado sinestésico involuntário em que o visto solicita ser visto novamente [...]” (Saramago, 1995a, p. 166-167).

A dinâmica da equipa de trabalho desenvolvida durante o processo – que incluiu crianças e adultos; a escola, o museu e o design – foi determinante para o seu sucesso e influenciou a construção de novos conhecimentos, partilhas e questionamentos, princípios que sustentaram toda a intenção. O facto de os intervenientes terem contacto com espaços, metodologias e abordagens diferentes potenciou “novas formas de olhar o ‘conhecido’, proporcionou a exploração de outras dimensões do ‘comum’, e permitiu o cruzamento de ‘novos’ e ‘velhos’ conhecimentos” (Berény, 2011, p. 85, grifo nosso). O que, de certa forma, era “conhecido” para os participantes, teve que se tornar momentaneamente “desconhecido” – numa desconstrução e exploração –, para que pudesse ser feita uma outra construção já assente nas novas interpretações. Esta dinâmica e inter-relação contínua é quanto mais frutífera quanto mais diversidade de atores se implicarem e se incluírem. Na relação com o espaço museológico revelou-se um elo fundamental deste processo de comunicação e significação.

O espaço museológico, como espaço público de comunicação artística, mostrou ser um lugar privilegiado, no qual a voz das crianças se tornou presente e potenciou outras abordagens e perspetivas. A construção de uma cartografia singular que transportou a vivência do espaço para a sua representação facilitou este processo; uma cartografia que se distingue daquela que conhecemos dos mapas convencionais, e que representa as experiências e conhecimentos elaborados pelas crianças nas deambulações urbanas por trajetos pré-definidos (ainda que suficientemente abertos para poderem conter o inesperado, a

curiosidade, a surpresa de encontrar uma coisa quando se procurava outra).

Durante este processo de mapeamento, percebeu-se a importância de permitir à criança interpretar as dinâmicas urbanas: as trajetórias, os percursos e os tempos próprios do dinamismo característico das trajetórias pedonais, implicando-a constantemente em processos investigativos sobre a descoberta da nova condição urbana e do seu leque de ofertas, diminuindo a opacidade da cidade (entenda-se, da sociedade e do seu território) e, assim, construindo práticas educativas que promovem a construção de aprendizagens significativas. Além disso, a inclusão das crianças nos processos de criação de conteúdos e do ambiente expositivo, promoveu práticas educativas que se mostraram ricas em cruzamentos férteis e que potenciaram a criatividade e o desenvolvimento do pensamento crítico. Os projetos que envolvem a escola com as instituições externas favorecem, segundo Berény (2011), a construção do capital cultural das crianças, famílias, escolas e comunidades. Também neste sentido, Leite e Victorino referem que:

Nas escolas, o museu encontra outros lugares onde uma sociedade se procura construir como comunidade. Uma comunidade onde tanto o encontro como o desencontro possam ser aceites, onde a diferença seja a expressão de uma liberdade individual e coletiva, onde a singularidade sobrevive à massificação em muitos outros contextos dominantes, onde a cultura não seja uma nova forma de lazer alienado, antes propicie também uma superação dos limites de cada um na descoberta do que não se imaginava possível na ampliação da experiência da condição humana (2008, p. 9).

As estratégias e elementos de mediação utilizadas e a resultante proposta da exposição “Cota 1,20”, criou outras formas de acessibilidade aos conteúdos museológicos, mais próximas das crianças, permitindo diferentes visões e leituras. A inter-relação entre Museu, Escola e design suscitou o desenvolvimento de projetos e aprendizagens significativas⁸ consideradas de qualidade para todos os intervenientes, nomeadamente para as crianças, os educadores/professores, o museu, a escola, as famílias e público em geral.

O design foi um parceiro privilegiado para esta mediação cultural, pela sua trans e multidisciplinaridade, facilitando a construção de diálogos entre os diversos agentes e disponibilizando as suas ferramentas, que potenciam e estimulam a comunicação, para a interpretação da voz das crianças, e na produção de objetos, dispositivos e interfaces mediadores comunicantes. Por essa razão, assume-se o cunho e capacidade relacional⁹ do design

8 Consideramos “aprendizagens significativas” aquelas que fazem sentido para a crianças naquele momento e que advém das necessidades por eles demonstradas ao nível dos seus interesses e desenvolvimento.

9 A evolução do design, desde a sua gênese, tem caminhado em direção à inclusão da imaterialidade e da relação. Num artigo publicado no blogue *Design Observer*, em 2008, Andrew Blauvelt faz-nos a sua leitura desta evolução através de três fases: se no início do séc. XX o foco era dado principalmente à forma e função, a partir dos anos 1960 esse foco passou para o universo da significação, centrando-se no “potencial de criação de sentido do design, no seu valor simbólico, na sua dimensão semântica e no seu potencial narrativo” (Blauvelt, 2008, não paginado), culminando, a partir de meados dos anos 1990, na fase na qual as relações tomam o papel central, explorando a “dimensão performativa do design – os seus efeitos nos utilizadores, as suas restrições pragmáticas e programáticas, o seu impacto retórico e o seu potencial facilitador de interações sociais” (Blauvelt, 2008, não paginado). Surge assim o conceito de Design Relacional, que se foca no processo de colaboração como forma significativa, no qual o designer tem de pensar menos nas pessoas enquanto clientes ou utilizadores e mais como cocriadores e participantes no processo criativo (Dias; Moura; Bártolo, 2013).

como parte integrante do projeto, numa cocriação partilhada entre crianças, designer, e restante comunidade educativa, nunca perdendo a essência das várias linguagens da criança,¹⁰ mas assumindo a presença do design ao longo de todo o processo, assim como no desenho do projeto comunicativo final. Acredita-se que as estratégias comunicativas do Design facilitaram o êxito deste projeto, numa abordagem holística e de intervenção no espaço público que corrobora a afirmação de que o design é hoje “[...] mais do que aparência, design é sobre interação, estratégia e serviços. Designers mudam o comportamento social”¹¹ (Norman, 2011, não paginado). Como mediador, peça fulcral em modelos participativos, colaborativos ou cocriativos (Sanders; Stappers, 2008), o design é atualmente reconhecido, tendo conquistado um lugar de importância na inovação social e cultural, explorando estratégias e possibilidades, criando sinergias múltiplas entre os vários atores. A inclusão do design durante as várias fases do projeto “Cota 1,20” condicionou e modelou a forma como o projeto se desenvolveu, acompanhando a forma como os agentes interagiram entre si, permitindo uma orientação muito focada nas metodologias de investigação projetual, e na capacidade comunicativa dos materiais produzidos, enquanto não descurou as questões pedagógicas no envolvimento das crianças. Além disso, foi um fator de inovação, quer pela sua presença constante

10 As cem línguas da criança são defendidas pelos autores na obra *The hundred languages of children: the Reggio Emilia experience in transformation* (1ª Edição: 1993; 3ª Edição: 2011), dos editores Carolyn Edwards, Lella Gandini e George Forman, onde exploram a abordagem de Loris Malaguzzi no projeto educativo de Reggio Emilia, no Norte de Itália (Edwards; Gandini; Forman, 2011).

11 No original: “[...] today design is more than appearance, design is about interaction, about strategy and about services. Designers change social behavior.”

no contexto escola, como na cocriação com as crianças dos conteúdos expositivos e na tradução das experiências vividas, mediando a relação entre a escola, o museu e os públicos.

O equilíbrio entre design e educação possibilitou a criação de uma zona híbrida, em que cada participante soube o papel que assumia, não se confundindo os limites de cada um, mas ao mesmo tempo potenciando-se mutuamente. Nesta conquista de espaços de ação alargados, o design desenha desenha, “através da poesia”, “soluções que não prescindem da forma como valor em si mesmo, capaz por si própria, de estabelecer com o outro, outras relações simbólicas supra funcionais” (Providência, 2012, p. 153).

A dignificação do contributo das crianças – seja por meio de desenho ou registo, ou de formulação de opiniões – foi também um dos objetivos principais desta proposta. O designer não se sobrepôs ao cunho das crianças, mas reconheceu-o, criando nele mais valor, permitindo e impulsionando uma comunicação mais eficaz do seu contributo.

Fases do projeto

O projeto desenvolveu-se em seis fases: definição de briefing, exploração, registo, reflexão, cocriação e exposição/divulgação.

O briefing surgiu de um convite de dois professores da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP), Álvaro Domingues e Ivo Poças Martins, aquando da montagem da exposição “Mouzinho: da Ribeira ao Aeroporto”, que esteve em exibição de 20 de março a 11 de Setembro de 2022, no Museu da Cidade do Porto - Casa do Infante. Os autores lançaram o desafio à escola de perceber qual a visão das crianças sobre esta artéria da cidade.

A partir desta premissa, desafiou-se uma turma de 3º ano do primeiro ciclo (24 crianças) a fazer uma incursão na rua, partindo à sua descoberta e exploração. Na visita de campo, as crianças levaram pranchetas, papel, lápis, duas máquinas fotográficas instantâneas, uma máquina fotográfica digital e utilizaram as câmaras fotográficas dos telemóveis dos adultos participantes. Estes materiais possibilitaram a elaboração de registos gráficos, condução de entrevistas e recolha de fotografias. Enquanto algumas crianças exploravam as fachadas, analisando os pormenores arquitetónicos e fazendo desenho à vista dos edifícios (Figuras 1, 2 e 3), outros falaram com as pessoas que vivem a rua de diversas formas – moradores, lojistas, transeuntes –, recorrendo-se dos guiões de entrevista que haviam preparado anteriormente em sala de aula com a respetiva professora titular (Figuras 4 e 5). Todos os grupos tiraram fotografias (Figura 6), as quais ajudaram a registar a visita e foram posteriormente expostas no Museu, contextualizando o público e salientando para as particularidades do espaço urbano explorado.

Figura 1 – Criança do 3º ano do 1º Ciclo a desenhar à vista um Quiosque de Jornais, equipamento urbano localizado à entrada da Rua Mouzinho da Silveira



Fonte: © Rita Brandão.

Figura 2 – Criança do 3º ano do 1º Ciclo a desenhar à vista um candeeiro, equipamento urbano presente na Rua Mouzinho da Silveira



Fonte: © Rita Brandão.

Figura 3 – Criança do 3º ano do 1º Ciclo a desenhar à vista um edifício e uma secção da Rua Mouzinho da Silveira, com relevo para o pormenor arquitetónico da claraboia



Fonte: © Rita Brandão.

Figura 4 – Crianças do 3º ano do 1º Ciclo a fazer uma entrevista aos funcionários da Papelaria Peninsular, na Rua Mouzinho da Silveira



Fonte: © Rita Brandão.

Figura 5 – Crianças do 3º ano do 1º Ciclo a fazer uma entrevista a um transeunte da Rua Mouzinho da Silveira



Fonte: © Rita Brandão.

Figura 6 – Fotografias instantâneas tiradas durante a visita à Rua Mouzinho da Silveira



Fonte: © Rita Brandão.

De volta à escola, reunidos os materiais e registos recolhidos, as crianças procederam a novas pesquisas, utilizando a documentação recolhida e oferecida pela Porto Vivo – SRU,¹² assim como as várias fontes que a escola coloca à disposição: biblioteca com livros e acesso à internet. Em grupo, e a partir de uma perspetiva colaborativa, procedeu-se à discussão sobre a experiência realizada. O grupo partilhou os materiais obtidos na visita de campo, complementando-os e comparando-os com as novas pesquisas feitas em espaço escola. Estes momentos de discussão e reflexão foram fulcrais para o desenvolvimento do projeto, tocando várias áreas de conhecimento e perspetivas sobre uma cidadania ativa, crítica e participativa.

Pode-se ler no relato que as crianças fizeram juntamente com os adultos participantes, após a visita, já em ambiente de escola:

Sáímos da nossa escola, OSMOPE, na Rua de Costa Cabral, no Porto e, na Praça do Marquês, entrámos na estação do metro. Paragem assinalada: S. Bento.

Boa disposição, pranchetas, lápis de grafite e máquinas fotográficas. Mais um desafio para percorrermos e sentirmos a nossa cidade, desta vez com intenção de levarmos estas nossas leituras e possíveis produções até ao Museu.

Esta cidade pertence-nos, como cidadãos que somos e, de alguma forma, também como protagonistas do seu passado, do presente e, sem dúvida, como inspiradores cúmplices do novo futuro.

12 A Porto Vivo, Sociedade de Reabilitação Urbana tem como missão a promoção da reabilitação urbana na cidade do Porto.

Quanto aos museus, são espaços de liberdade de pensamento, criação, conhecimento partilhado e comunicação. Neles, encontramos cruzamentos entre diferentes tempos, entre arte, história e arquitetura, ou seja, cultura e diversidade de expressão. São espaços onde as memórias se interseccionam com os olhares e as leituras de quem os sente.

Percorremos com determinação e sentidos muito abertos a grande rua que nos engoliu à Saída do Metro. Alguém disse em tom de brincadeira: “Que rua com uma boca tão grande!!!”. Depois, foi ver, olhar e reparar, tal como Saramago disse um dia sobre como andar por esse mundo. O casario cresceu no nosso olhar, dançámos uma claraboia e falámos do som que ouvimos, quando em círculo fechamos os olhos. E depois...? Depois tudo aconteceu, naquela manhã de céu azul, em que todos ficámos a saber que um rio – o Rio da Vila – vivia escondido no empedrado dos passeios que pisámos.¹³

Paralelamente, selecionaram-se dois grupos de 4 e 5 anos (num total de 50 crianças) que refletiram sobre o conceito de “cidade” – o que é – e de “cidade imaginária” – o que eu gostaria que fosse. Primeiramente, a discussão partiu da visão de cada criança sobre o espaço que habita, dando origem a uma chuva de ideias coletivas. Numa fase seguinte, propôs-se que idealizassem a forma como se poderia desenhar a “sua” cidade – a “cidade imaginária”. Foram feitos registos por meio de áudio dos seus contributos e pedidos registos gráficos às crianças (Figura 6).

13 Relato que as crianças e adultos participantes fizeram, após a visita à Rua Mouzinho da Silveira, já em ambiente de escola, em 24 de fevereiro de 2021.

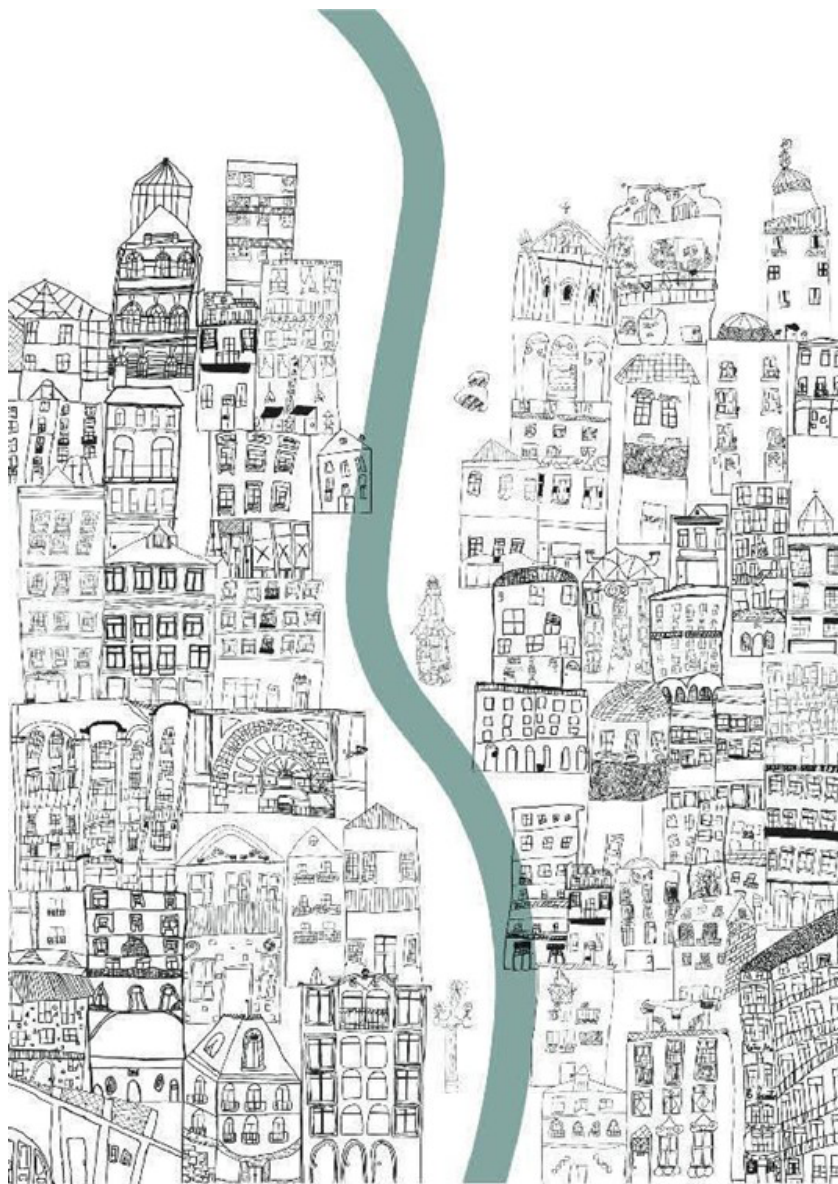
Figura 6 – Crianças de 4 e 5 anos a desenharem elementos que gostariam que estivessem presentes na sua cidade imaginária



Fonte: © Rita Brandão.

O momento de reflexão seguinte, que teve como base o material produzido em ambos os grupos – entre as crianças e entre os adultos envolvidos –, possibilitou a organização do material, e a criação de hierarquias de informação. Nesta fase, as crianças decidiram que o Rio de Vila – hoje submerso, mas outrora a céu aberto na Rua Mouzinho da Silveira – teria um papel central no projeto (Figura 7), uma vez que era um dos elementos que as crianças mais tinham gostado de descobrir e mais vezes referiram nas suas conversas.

Figura 7 – Montagem dos desenhos, dando relevo ao Rio de Vila

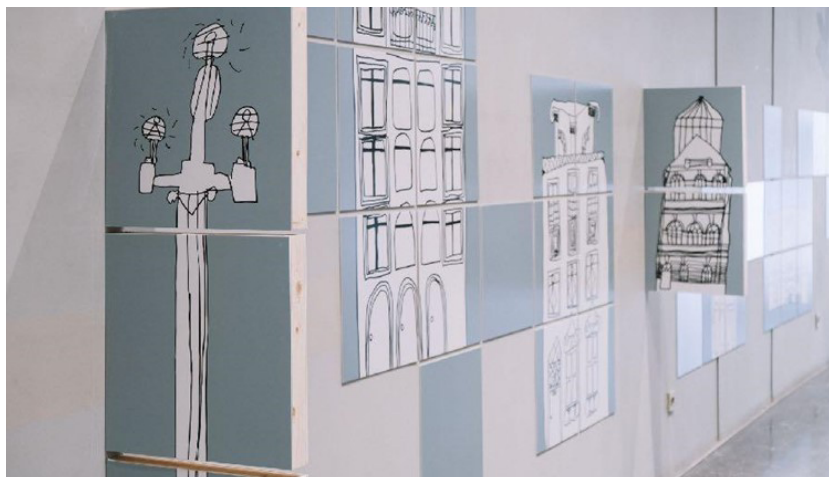


Fonte: © OSMOPE.

Tendo tido conhecimento do projeto que desenvolvíamos, o Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC) convidou a escola a organizar uma exposição no Museu. A primeira paragem da “Cota 1,20”, aconteceu, portanto, no MNAC, a 21 de julho de 2022, permitindo a divulgação do projeto a públicos diversos.

Estabelecidas prioridades quanto aos conteúdos que se queriam comunicar, foi altura de criar colaborativamente (designers e crianças) o material expositivo. Optou-se por uma exposição modular, que permitisse a sua itinerância. Assim, todo o material foi adaptado a suportes com dimensões reduzidas – a maior parte dos materiais ocupa uma área de 40 por 40 centímetros – com o objetivo de permitir o seu fácil transporte, adaptando-se a espaços, contextos e áreas de exposição com dimensões e condições diversas (Figura 8). Com a versatilidade de conjugação dos diversos elementos, pretendeu-se que a itinerância da exposição alcançasse públicos diversificados, possibilitando uma avaliação e validação em diferentes contextos.

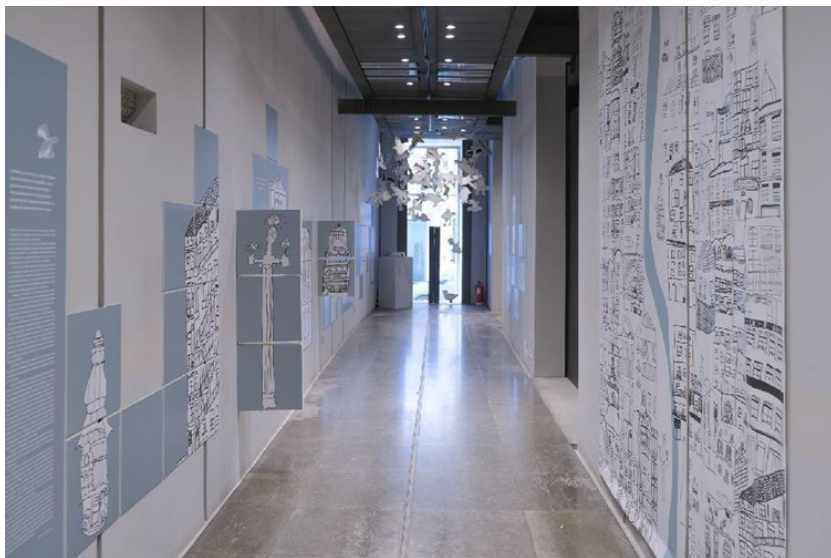
Figura 8 – Alguns dos elementos modulares da exposição Cota 1,20



Fonte: © Rita Brandão.

Com os desenhos da rua realizados pelas crianças, criaram-se uma série de materiais que pudessem ser dispostos de forma envolvente e imersiva no espaço expositivo (Figura 9). Com os registos da cidade imaginária, decidiu-se desenhar um objeto interativo e manipulável, que permitisse aos visitantes da exposição participar na criação e decisão da “cidade que queremos”, por meio de painéis giratórios, que possibilitam um puzzle de combinações diversas de mapa (Figura 10). Um mapa – mental e emocional – que não é real, mas sim baseado nos desejos e hipóteses de quem o idealizou e de quem o manipula.

Figura 9 – Vários materiais e suportes conferiram à exposição um caráter imersivo na sala do MNAC



Fonte: © Rita Brandão.

Figura 10 – Objeto manipulável que permite ao visitante a criação da “cidade imaginária”



Fonte: © Rita Brandão.

O sentimento de imersão pretendido para a exposição foi conseguido não só pela dimensão do conjunto dos elementos – que se dispuseram nas paredes, no chão e, de forma suspensa, no teto (Figura 11) –, mas também pela inclusão de elementos multimédia – fotos, áudios, e também vídeos que contextualizaram o espetador na metodologia utilizada pelas crianças no desenvolvimento do projeto.

Figura 11 – Elementos suspensos no espaço da exposição no MNAC



Fonte: © Rita Brandão.

Após ter estado patente no MNAC, a exposição “Cota 1,20” está agora com viagem marcada para o Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto, onde fará a sua estreia na cidade que lhe deu origem.

Conclusões

Do ponto de vista da Educação, a inclusão do Design nos processos de aprendizagem dentro e fora da escola tem provado aportar uma série de mais-valias, nomeadamente em termos de viabilização dos projetos participativos e de ação concreta na comunidade, assim como em termos de qualidade, alcance e visibilidade da comunicação desses mesmos projetos. Foi, em termos educativos, um projeto com muitas mais-valias, pelas

aprendizagens significativas e muito relevantes para o currículo educativo das crianças, como nos foi referido pelos professores/educadores das turmas envolvidas. Uma das questões a colocar é se intervenção dos adultos foi eventualmente inibidora da procura, da exploração e reflexão das crianças ou, pelo contrário, se suscitou condições para essa procura, exploração e reflexão.

Concluiu-se também que os desenhos das crianças trabalhados pelo adulto não são apenas uma mudança de escala, mas sim uma tradução do potencial de comunicação imanente às peças que as crianças desenharam. Este processo – quase um “poder transformador”, e amplificador – é essencial ao design e será uma aprendizagem importante para as crianças em termos pragmáticos.

Do ponto de vista do MNAC, as críticas foram no sentido de enaltecer as vantagens da exposição do trabalho das crianças no espaço do Museu, legitimando e dignificando a sua visão e opinião, e valorando a qualidade do seu trabalho. O facto de um Museu promover no seu espaço uma exposição em que a visão e a expressão das crianças são comunicadas de forma tão clara é uma vantagem evidente para a abertura das instituições à participação das crianças na intervenção do espaço público, e uma validação da sua opinião e qualidade gráfica e artística.

Do ponto de vista do Design, acredita-se que a inclusão da disciplina em campos pouco habituais permite uma riqueza de troca de experiências férteis para todas as partes. Se, por um lado, e de forma bastante visível, a educação ganha com a inclusão do design nos processos de aprendizagem, o inverso não é menos verdade, uma vez que o design é também amplamente enriquecido por uma experiência imersiva dentro da prática educativa, tendo uma avaliação permanente em contexto real, e calibrando

a pertinência da sua intervenção e participação de forma equilibrada e em constante confronto com as áreas adjacentes.

Esta proposta mostrou-se fértil ao conjugar as mais-valias das áreas envolvidas, permitindo-se realçar e dignificar cada uma delas, respeitando os limites respetivos e potenciando-se mutuamente. Para que as crianças tivessem beneficiado deste processo criativo cruzado, foi necessário assinalar que este surgiu porque os educadores, designers, e museu tiveram intenção e facilitaram intencionalmente, providenciando as condições necessárias para que o mesmo acontecesse. Sem intervenção de todos estes atores, o protagonismo das crianças como coautoras deste projeto não teria tido impacto e não se revelaria produtivo culturalmente.

Relativamente ao público que visitou a exposição do MNAC, houve diversas demonstrações de parecer positivo, tal como nos foi relatado pela diretora do museu, Emília Ferreira, e pela coordenadora do programa Portugal entre Patrimónios, Lúcia Saldanha.

Agradecimentos

Agradece-se a todos os que participaram neste projeto e o apoiaram das mais variadas formas, nomeadamente:

À intervenção pedagógica de Cristina Alves (OSMOPE), Filipa Fernandes (OSMOPE), Joana Tavares (OSMOPE), Olga Torres (OSMOPE), Mariana Ribeiro (OSMOPE), Raquel Vales (OSMOPE) e Tânia Silva (OSMOPE).

Ao Pedro Fragoso Lopes (FBAUP/ID+) pela produção dos vídeos.

Às crianças envolvidas:

3º ano – 1º ciclo: Alice Brito, André Ribeiro, Benedita Azevedo, Catarina Pinheiro, David Wilson, Diana Moreno, Diogo Alves, Diogo Enes, Gabriel Brandão, Guilherme Guedes, João Oliveira, Luísa Domingues, Mafalda Marques, Mafalda Ribeiro, Manuel Freitas, Maria Costa, Mariana Coimbra, Martim Ramos, Miguel Pereira, Rita Silva, Rodrigo Tavares, Simão Fonte, Tiago Coimbra, Vasco Tender.

Sala dos 5 anos: Beatriz Gaio, Camila Teixeira Lopes, Carmo Mesquita, Carolina Meneses, Constança Betti, Eva Magalhães, Francisco Rocha, Guilherme Branco, Isabel Dias, João Oliveira, Lucas Brandão, Madalena Ribeiro, Maria Marques, Maria Francisca França, Maria Luís Osório, Maria Miguel Guedes, Mariana Enes, Rodrigo Martins, Santiago Almeida, Sara Silva, Sebastião Vasconcelos, Sofia Carvalho, Vasco Dias, Vicente Fernandes.

Sala dos 4 e 5 anos: Afonso Brochado, André Ribeiro, Alice Crisóstomo, Antónia Henriques, Ayeen Pirdavari, Bernardo Marques, Camila Constantino, Clara Veiga, Constança Sousa, Eva Sotto Mayor, Filipe Abreu, Gonçalo Sousa, Gustavo Rio, Lourenço Pereira, Luís Silva, Mafalda Brito, Manuel Velasco, Maria Clara Almeida, Maria Inês Silva, Maria João Martins, Mariana Pedrosa, Theo Gaudio, Tiago Pinheiro, Tomás Duarte, Tomás Meneses.

Ao Museu Nacional de Arte Contemporânea, em particular à Lúcia Saldanha e à Emília Ferreira.

Ao Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

À Associação dos Profissionais de Educação de Infância.

Ao Plano Nacional das Artes.

À Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

À Fundação para a Ciência e a Tecnologia, que apoia esta investigação com a Bolsa de Doutoramento 2020.05692.BD.

A todos os outros que, a nível particular ou institucional, apoiaram este projeto e o fizeram acontecer.

Declaração de autoria

Rita Brandão: Coordenação “Cota 1,20”, conceção e desenho do projeto; direção artística e design da exposição; redação do texto original;

Alice Semedo: Orientação de investigação Ph.D.; redação, revisão crítica de conteúdos e edição do texto;

Sílvia Berény: Coordenação “Cota 1,20”; redação; revisão crítica de conteúdos e edição do texto;

Lígia Lopes: Orientação de investigação Ph.D.; participação na visita de campo e consultoria para o projeto expositivo, revisão crítica de conteúdos;

Joana Quental: Orientação de investigação Ph.D.; revisão crítica de conteúdos e edição do texto.

Referências

BERÉNY, S. *Retratos da arte na educação*. Porto: Editora Rés, 2011.

BERÉNY, S. *Bridging stories: children participatory projects through art for the future of a new european education*. Porto: OSOPE: FPCEUP, 2021. Disponível em: https://ec.europa.eu/programmes/erasmus-plus/project-result-content/bdc8654b-c6ab-4a8c-83a7-0575c7935ea5/LIVRO_BRIDGING_2021_LR.pdf. Acesso em: 16 fev. 2024.

BLAUVELT, A. Towards relational design. *Design Observer*, Providence, RI, 3 nov. 2008. Disponível em: <https://designobserver.com/feature/towards-relational-design/7557/>. Acesso em: 16 fev. 2024.

DALHBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. *Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DIAS, S.; MOURA, M.; BÁRTOLO, J. O design como processo: a metáfora do jogo enquanto meio participativo. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL EM DESIGN E ARTES GRÁFICAS – DESAFIOS CONCEPTUAIS PARA O DESIGN E A PRODUÇÃO GRÁFICA, 2., 2013, Lisboa. *Actas [...]*. Lisboa: Edição ISEC, 2013. p. 456-458.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. *The hundred languages of children: the Reggio Emilia experience in transformation*. 3. ed. Westport, CT: Praeger Publishers, 2011. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED531297>. Acesso em: 16 fev. 2024.

KATZ, L.; CHARD, S. *A abordagem de projeto na educação de infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

LEITE, E.; VICTORINO, S. *Serralves: projetos com escolas*. Porto: Edição Fundação de Serralves, 2008.

NORMAN, D. Design education: brilliance without substance. *Core77*, Portland, OR, 4 out. 2011. Disponível em: <https://www.core77.com/posts/20364/Design-Education-Brilliance-Without-Substance>. Acesso em: 1 fev. 2022.

PROVIDÊNCIA, F. *Poeta, ou aquele que faz: a poética como inovação em design*. 2012. Tese (Doutorado em Design) – Universidade de Aveiro. Aveiro, 2012.

SANDERS, E. B.-N.; STAPPERS, P. J. Co-creation and the new landscapes of design. *CoDesign*, v. 4, n. 1, 2008. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15710880701875068>. Acesso em: 16 fev. 2024.

SARAMAGO, J. *A história do cerco de Lisboa*. 2. ed. Lisboa: Editora Caminho, 1995a.

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. Lisboa: Editora Caminho, 1995b.